

AMBRÓSIO E A REORDENAÇÃO DO ESPAÇO URBANO MILANÊS NO SÉCULO IV*

Larissa Rodrigues Sathler Dias**

Resumo: O processo de cristianização do Império Romano foi acompanhado por uma reordenação da área urbana responsável por suprimir ou remodelar os espaços e monumentos greco-romanos e judaicos. Em Milão, esse movimento de cristianização do espaço foi intensificado durante o bispado de Ambrósio (374-397), devido, principalmente, ao desempenho do bispo em implantar um arrojado plano com vistas ao fortalecimento da sua autoridade episcopal. Para melhor compreender as intervenções de Ambrósio no espaço citadino, daremos atenção especial à *basilica Martyrium*, à *basilica Apostolorum* e à *basilica Virginum*, além da edificação do Batistério de San Giovanni alle Fonti, um espaço construído com objetivo de ampliar o polo episcopal milanês. Cumpre notar que, no século IV, a cidade de Milão também foi palco dos inúmeros conflitos religiosos que dominavam o Império. Logo, o plano de Ambrósio em se apropriar do espaço urbano implicou ainda o rechaço da fé ariana e a defesa do ideal ascético, tal como se percebe no confisco da *basilica Portiana* e na edificação da já citada *basilica Virginum*.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia; Milão; Cristianização; Espaço; Ambrósio.

42

Abstract: The process of Christianization of the Roman Empire was followed by a reordering of the urban area responsible for suppressing or remodeling Greco-Roman and Jewish spaces and monuments. In Milan, this movement of Christianization of the space was intensified during the Ambrose' bishopric (374-397), mainly due to the bishop's performance in implementing a bold plan for the strengthening of his Episcopal authority. In order to better understand Ambrose's interventions in the city space, we will give special attention to the *basilica Martyrium*, *basilica Apostolorum* and *basilica Virginum*, as well as the building of the Baptistery of San Giovanni alle Fonti, a space built with the aim of enlarging the Milanese Episcopal center. It should be noted that, in the fourth century, the city of Milan was also the scene of the numerous religious conflicts that dominated the Empire. Thus, Ambrose's plan to appropriate the urban space also implied a rejection of the Aryan faith and the defense of the ascetic ideal, as can be seen in the confiscation of the *basilica Portiana* and the building of the aforementioned *basilica Virginum*.

Keywords: Late Antiquity; Milan; Christianization; Space; Ambrose.

Submetido em: 27/03/2017

Aceito em: 11/05/2017

* Este artigo é um recorte da dissertação que a autora está desenvolvendo, sob orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva, intitulada "Disciplinando os corpos das virgens e viúvas: Ambrósio e a formação de uma hierarquia feminina na congregação milanesa (Séc. IV)".

** Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, com financiamento da Capes. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES). Licenciada em História pela mesma instituição. E-mail: lary.sat@hotmail.com.

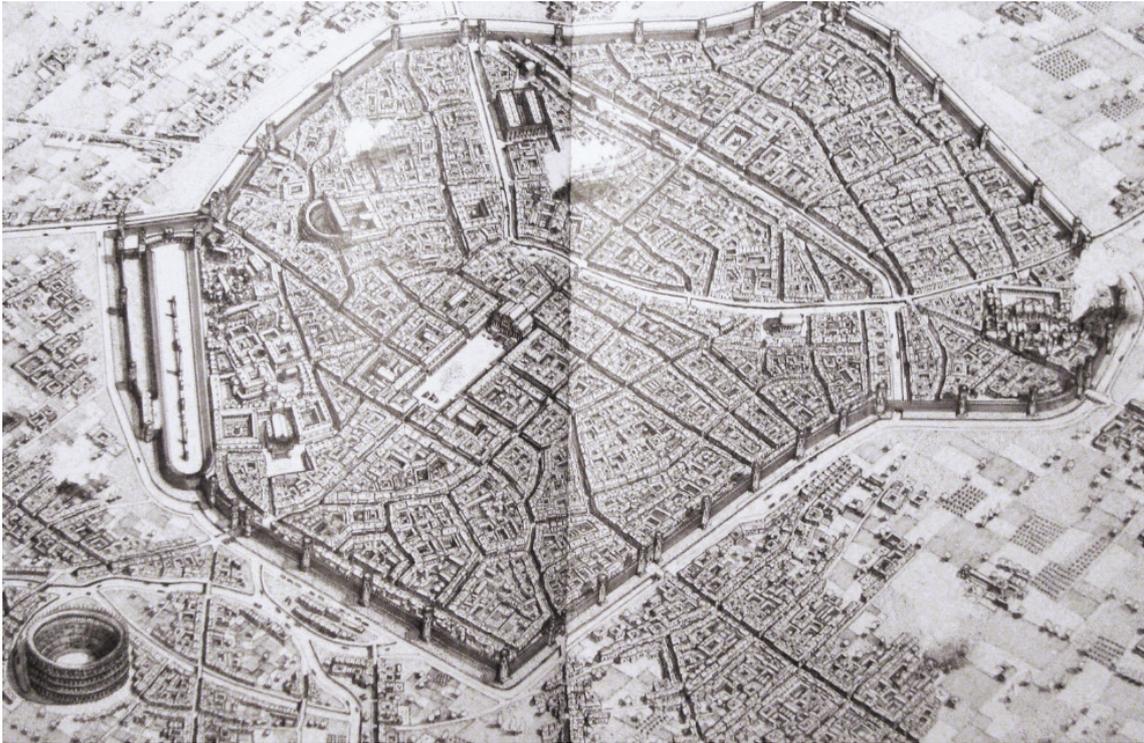
Repensar a cidade de Milão (*Mediolanum*) (Figura 1), em meados do século IV, requer um esforço maior que para qualquer outra capital do Império (MAZZOLANI, 1992, p. 35). A razão para isso está no fato de que, diferentemente de Arles, Trier, Aquileia e Ravena, cidades portadoras de um contingente expressivo de evidências arqueológicas, em Milão poucos vestígios se mantiveram na superfície após os bombardeios ocorridos na Segunda Guerra Mundial. De fato, entre outubro de 1942 e agosto de 1943, Milão sofreu graves ataques aéreos por parte dos Aliados que, munidos de bombas incendiárias, devastaram boa parte da área urbana. Segundo os dados apresentados por Caraci (1949), cerca de 3/4 dos edifícios históricos milaneses foram atingidos, dentre eles as igrejas de Santo Ambrósio, São Sático, Santo Eustórgio, São Lourenço, São Nazário e a igreja de Santa Maria da Graça, onde, por muito pouco, se salvou a *Última Ceia* de Da Vinci. Não obstante os estragos causados pela guerra, houve novos danos decorrentes da construção da rede de metrô no final da década de 1950 e, posteriormente, de uma nova linha em fins dos anos '80, além da implantação da rede de estacionamentos subterrâneos, conforme denuncia Massimiliano David (2011, p. 6).

Apesar desse quadro de perda, nas últimas três décadas, os estudos sobre a cidade de Milão avançaram. Prova disso são os trabalhos escritos na década de 1980 por Richard Krautheimer e Mario Mirabella Roberti, resultado das descobertas que marcaram o Pós-Guerra.¹ No que diz respeito ao período paleocristão, as últimas décadas também foram positivas devido à intensa atividade de restauração das principais igrejas de Milão. Constata-se aqui o reconhecimento das estratificações arquitetônicas, consequência das diversas reformas que os edifícios sofreram ao longo do tempo e a recuperação quase intacta da fase antiga.

Quanto à década de 1990, a descoberta de uma necrópole nos territórios da *Università Cattolica del Sacro Cuore*, localizada próximo à basílica de Santo Ambrósio, no centro histórico de Milão, deve ser considerada a mais extraordinária. De acordo com David (2011, p. 6), o exame do sítio possibilitou não apenas a compreensão de como Milão se transformou em uma cidade imperial no século IV, mas também de como se tratava de uma cidade multicultural e plurirreligiosa (Figura 2).

¹ Em 1983, Richard Krautheimer lançou, na versão inglesa, sua obra *Three Christian capitals: topography and politics*. Logo em seguida, Mirabella Roberti publicou o seu *Milano Romana*. Ambos os autores se dedicaram à análise da cidade no período paleocristão. Cabe destacar que a contribuição de Mirabella Roberti vai além de sua obra. De 1953 a 1973, Roberti foi Superintendente de Antiguidades da Lombardia e comandava um escritório praticamente com recursos pessoais. Nessa época, atuou contra a urbanização desenfreada da cidade, o que não agradou a opinião pública, pouco dada à proteção dos sítios arqueológicos (SANNAZARO, 2011, p. 01).

Figura 1 - Planta de Milão em final do século III e início do século IV



Fonte: Caporusso, Donati, Masseroli e Tibiletti (2014, p. 142).

44

Figura 2 - Escavações da necrópole encontrada na área da Universidade



Fonte: David (2011, p. 21).

Além das fontes arqueológicas, cabe destacar que alguns documentos eclesiásticos, como as epístolas ambrosianas, também contribuem para a compreensão das características da cidade no período tardo-antigo. Sendo assim, é através de Ambrósio, por exemplo, que temos o primeiro indício da existência de um lugar de culto reservado aos arianos.²

Em sua obra, *De Spiritu Sancto* (I, 19; 21), o bispo relata a existência de uma basílica que teria sido interceptada por Graciano, em 378, por conta da disputa do edifício entre nicenos e anti-nicenos. Entretanto, a fonte mais precisa no que se refere à designação do espaço de culto ariano é a *Epistula ad sororem*, na qual Ambrósio fornece o nome e a localização de uma igreja que, pelo visto, era o local de culto dos seguidores de Ário. Na carta, Ambrósio (*Ep.* 76, 1) conta à sua irmã que os dissidentes não exigiam mais a *Basilica Portiana*, localizada fora dos muros da cidade, mas sim a *Basilica Noua*, também identificada no texto como *intramurana* e *quae maior est*.³

De acordo com Siena e Neri (2013, p. 149), tudo leva a crer que a *Basilica Portiana*, possível local de culto ariano, foi construída antes de 378, período em que tiveram início as primeiras disputas envolvendo o controle do edifício. Nessa perspectiva, ela teria sido fundada durante o episcopado de Auxêncio (355-374), época em que os arianos

² Formulada por Ário, presbítero da cidade de Alexandria, o arianismo foi responsável por uma das discussões teológicas que mais sobressaiu na primeira metade do século IV, ou seja, àquela que dizia respeito à natureza de Jesus. Segundo Helena Papa (2009, p. 36-8), a teologia prevista por Ário estava preocupada em preservar a ideia de um Deus único e, por isso, buscou salvaguardar, dentro da doutrina da trindade, a superioridade do Pai em relação ao Filho. Nesse caso, a essência de Deus era única, pois não havia sido gerada e nem marcada por um princípio, ao passo que o *Verbo* só existiu a partir do Pai. Apesar de considerar apenas a divindade de Deus, Ário aceitava certa superioridade do Filho, pois sua substância (*substantia*) era similar (*homoio*) à do Pai. A forma pela qual foi fundamentada, a doutrina de Ário ficou conhecida como arianismo homoiano e seus seguidores como homeus. Todavia, duas décadas após sua morte novas interpretações foram feitas de seu discurso, o que possibilitou o surgimento de outros grupos como os "eusebianos" ou semi-arianos e os "eunomeanos". Os primeiros fazem referência aos seguidores de Eusébio de Cesareia que ora defendiam que Cristo era consubstancial (*homoousios*) ao Pai, tal como previsto pelos seguidores da fé de Niceia (homoosianos), ora aceitavam a similaridade entre ambos, como defendidos pelos homoianos. Já os eunomeanos, discípulos de Eunômio, formavam um grupo de arianos radicais (neoarianos), uma vez que defendiam a total diferença entre o Pai e o Filho. Como demonstrado, o movimento ariano foi um movimento heterogêneo e, por isso, ao utilizarmos os termos "ariano" e "arianismo" temos consciência de que nem sempre esses conceitos expressam o conjunto de ideias que marcou esta corrente na IV centúria.

³ Para Krautheimer (1983, p. 81-8), dentre as igrejas que se encontravam fora dos muros da cidade, a de São Lourenço é a única que não teria sido fundada por Ambrósio. Seja porque nem Ambrósio e nem seus contemporâneos mencionaram o fato, ou porque as igrejas ambrosianas são de construção muito inferior. Em todo caso, para o autor, é bem provável que a basílica de São Lourenço seja a *Basilica Portiana*. Uma das justificativas de Krautheimer está no fato de que Ausônio em seu *Ordo urbium nobilium*, não cita o anfiteatro, cujos blocos foram utilizados na fundação da basílica de São Lourenço. Ou seja, isso sugere que a demolição do anfiteatro preceda a citação de Ausônio e, uma conseqüente datação da basílica, esteja ligada à esta atividade de desmantelamento do edifício. McLynn (1994, p. 176) também corrobora da ideia de que São Lourenço pode ser de fato a *Basilica Portiana*, mas que os argumentos de identificação se baseiam apenas em fatos "circunstanciais" e permanecem "inconclusivos". Além disso, estudos mais recentes, como o de Silvia Lusuardi Siena e Elisabetta Neri (2013), apontam, apesar da escassa confirmação arqueológica, a basílica de San Vittore al Corpo como a *Basilica Portiana*. Já para Roberti (2002, p. 935), é mais certo que a basílica de São Lourenço seja a basílica palatina, erguida por ordem de Teodósio, junto ao mausoléu da família entre fins do século IV e início do V.

contavam com um intenso apoio imperial, ou então antes mesmo do concílio de Milão (355), tornando-se, de qualquer modo, um ponto de referência para a comunidade ariana da cidade.

Seja como for, na época do episcopado de Ambrósio (374-397), a basílica estava de pé e a comunidade ariana permanecia operante, não obstante toda a pressão do bispo para que os seguidores de Ário fossem privados dos seus espaços de devoção, como veremos a seguir.

Nicenos e arianos: a disputa pelo controle dos lugares de culto em Milão

A eleição de Ambrósio para a sé de Milão, em 374, garantiu aos nicenos o domínio sobre os espaços de culto cristão, incluindo as basílicas arianas. Nesse contexto, tornou-se comum que os arianos entrassem com petições solicitando à corte um lugar para praticarem seus próprios ritos (POHLMANN, 2016, p. 186).

Certamente, a disputa pelo espaço urbano foi algo do qual o bispo recém-eleito não tardou a se ocupar. Contudo, as primeiras notícias que se tem sobre esse choque coincide com a chegada de Valentiniano II e sua mãe, Justina, em Milão, após a batalha de Adrianópolis (378). Aqui, o potente apoio dispensado aos homoianos por Justina incentivou a atuação dos dissidentes no sentido de revogar o domínio niceno sobre as basílicas.

Diante da benevolência de Justina para com os homoianos, a atuação de Ambrósio foi imprescindível para a manutenção e controle dos espaços religiosos por parte dos "ortodoxos".⁴ Prova disso é que, no verão de 379, algum tempo após ordenar a interdição da *Basilica Portiana*, Graciano a devolveu ao bispo milanês (APELLÀNIZ SAINZ-TRÁPAGA, 2009, p. 123). Além da boa vontade imperial na devolução da basílica, os nicenos foram favorecidos com uma legislação, emitida em 381 pelo imperador, que proibia as reuniões dos *fotinianaes*, *arriani* e *eunomianaes* (*Codex Theodosianus*, XVI, 5.6).

Após a morte de Graciano (383) e o retorno de Valentiniano II e Justina a Milão, as reivindicações dos arianos por um lugar de culto ganharam novo fôlego, atingindo seu ápice entre 385 e 386. Segundo Maier (1994, p.72), até 385 os seguidores do credo homoiano estavam proibidos de frequentar as basílicas da cidade, seja por conta da legislação de Graciano ou do sentimento popular. Todavia, desejosos de obterem um lugar para celebrar seus cultos, a comunidade ariana milanesa apelou à corte imperial

⁴ De acordo com Helena Papa, a afirmação do que se chamou de ortodoxia e heterodoxia perpassava por uma linha muito tênue, já que, na maioria dos casos, dependia da fé prescrita pelos imperadores, mudando conforme as orientações político-religiosas de cada soberano (PAPA, 2009, p. 39).

para a concessão de um espaço próprio, fato que levou o imperador a solicitar a Ambrósio que lhes concedesse uma igreja. Tendo seu pedido negado, Valentiniano II acabou abrindo mão de sua solicitação, por conta, principalmente, dos protestos efetuados pela congregação nicena.

Em 386, a situação será um pouco diferente em comparação ao ano anterior. Agora, uma constituição imperial levada a cabo por Valentiniano II, com apoio de Teodósio e Arcádio, assegurava a liberdade de culto aos seguidores do credo de Rimini,⁵ bem como ameaçava castigar, sob a justificativa de crime de lesa majestade, aqueles que se opusessem a essa ordem imperial (*Cod. Theod.*, XVI, 1.4). De acordo com Polhmann (2016, p. 186), essa situação só prova que o respaldo jurídico concedido a uma religião nem sempre indicava o aniquilamento de outras crenças e que, muitas vezes, a tolerância imperial para com os dissidentes provinha da necessidade de se manter a ordem no Império.

Sob amparo legal, a comunidade ariana de Milão, provavelmente formada por um grupo significativo de devotos, não tardou a solicitar uma vez mais a concessão de um lugar de culto. Todavia, agora não desejavam o acesso à *Basilica Portiana*, como mencionamos, e sim à *Basilica Noua*, que era maior. O desfecho da querela é marcado uma vez mais pela negação de Ambrósio ao pedido dos arianos bem como pela desistência de Valentiniano II em favorecê-los. Seja qual for o motivo que levou o imperador a acatar a decisão do bispo, é certo que após o Conflito das Basílicas a autoridade episcopal de Ambrósio como líder da congregação milanese foi sobremaneira ampliada (POHLMANN, 2016, p. 188).

Por conta de seu prestígio junto à corte imperial, obtido desde a época de Graciano, Ambrósio não demorou a dotar Milão com novos espaços sagrados. Assim, o movimento de cristianização do espaço urbano, que marcou a cidade no período tardo-antigo, passou por uma virada na época ambrosiana (D'OSSAT, 1969; AZEVEDO, 1976).

A atuação de Ambrósio sobre o espaço urbano milanês

O primeiro edifício eclesiástico erguido por ordem do bispo foi o batistério octogonal, também conhecido como Batistério de San Giovanni alle Fonti (Figura 3).

⁵ O concílio de Rimini, também conhecido como *Ariminum*, ocorreu em 359 por decisão de Constâncio II. Defensor de ideias arianas, no concílio, o imperador negou os fundamentos da fé nicena e transformou as normas homoianas em ortodoxas (POLHMANN, 2016, p. 111-2). Segundo Laughton (2010, p. 22), o credo estabelecido no concílio e aceito por Auxêncio excluiu os termos da *ousia* e *homoousios* e confessou que o "Filho era como o Pai", deletando a frase "em todas as coisas". Além disso, foi declarado que o Filho de Deus era diferente de todas as outras criaturas, porém não deixa claro se Ele era uma criatura ou não.

Construído entre a *Basilica Vetus* e a *Basilica Noua*, o batistério está localizado onde hoje se encontra a fachada da atual catedral de Milão. Embora não se tenha certeza, ao que tudo indica foi nesse batistério que Ambrósio batizou Agostinho, na Páscoa de 387 (MAZZOLANI, 1992, p. 38).

No que diz respeito às basílicas, constatamos três que, provavelmente, foram erigidas sob o episcopado de Ambrósio: a *Basilica Martyrium*, posteriormente, chamada de Basílica de Santo Ambrósio; a *Basilica Apostolorum*, já conhecida, no século VII, como Basílica de São Nazário; e a *Basilica Virginum*, mais tarde, denominada de São Simpliciano. Quiçá Ambrósio tenha sido também responsável pela construção da *Basilica Salvatoris*, conhecida como Basílica de São Dionísio. Todavia, esta é uma hipótese que ainda se mantém incerta (SANNAZARO, 2014, p. 85; FIORIO, 1985, p. 146).

Figura 3 - Batistério masculino de San Giovanni em formato octogonal



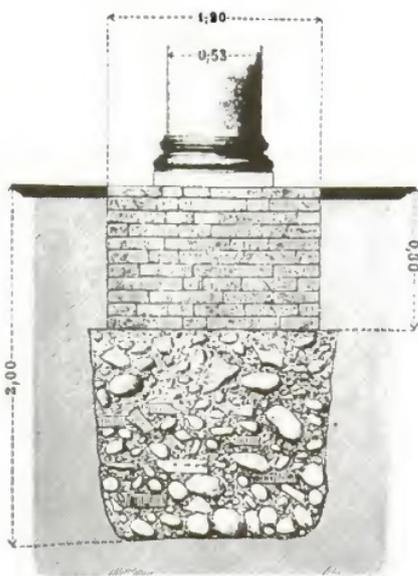
48

Fonte: Acervo pessoal (2016).

Algumas características nos permitem identificar estas igrejas como edifícios da época ambrosiana. Segundo Krautheimer (1983, p. 77-9), o fato de as técnicas de construção sempre estarem aptas a mudanças facilita a fixação da cronologia dos edifícios de determinado local. Entretanto, é preciso que os pesquisadores estejam atentos a outros fatores que interferem nesse processo como, por exemplo, os costumes locais, os meios financeiros disponíveis e a limitação de tempo. Nesse caso, as basílicas de Ambrósio são marcadas pelo emprego de uma qualidade técnica menos refinada, principalmente no que se refere aos tipos de materiais, espessuras, composição e tipo de argamassas. Assim, a fundação da *Basilica Martyrium*, da *Basilica Apostolorum* e

da *Basilica Virginum* contou com o uso de seixos misturados com tijolos e azulejos quebrados (Figura 4). Além disso, na construção das paredes foram reutilizados restos de tijolos de outros edifícios assentados segundo o formato “espinha de peixe” (*opus spicatum*) (Figura 5).⁶ Ao que tudo indica, o baixo padrão dos materiais e da tecnologia empregados na construção das basílicas ambrosianas se justifica pela urgência em transformar Milão em uma metrópole eclesiástica de primeira ordem, algo que se daria primordialmente pelo aumento do número de igrejas que a cidade abrigava.

Figura 4 - Fundação da *Basilica Martyrium*: emprego de seixos misturados com tijolos e azulejos quebrados



Fonte: Krautheimer (1983, p. 78).

Figura 5 - *Basilica Virginum*: utilização de tijolos no padrão espinha de peixe de peixe



Fonte: Krautheimer (1983, p. 78).

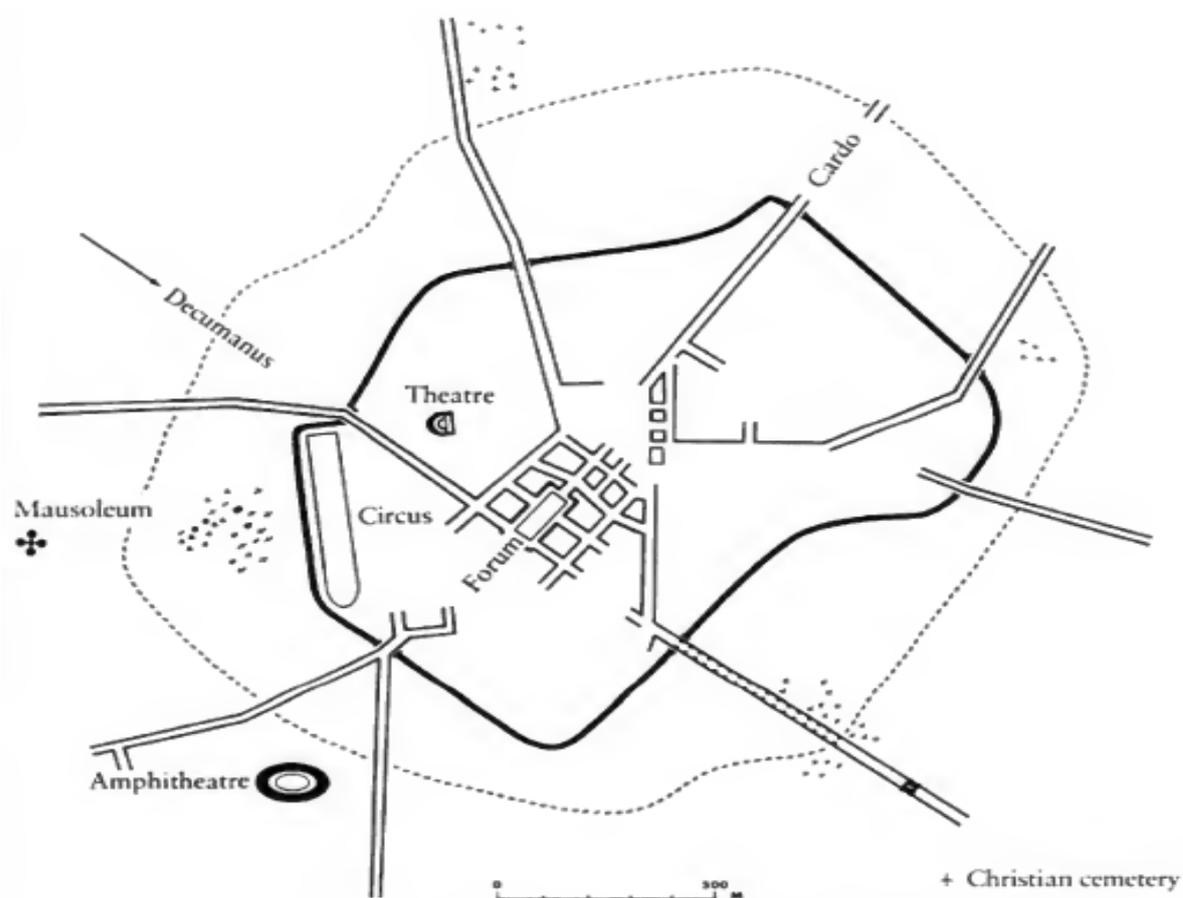
Apesar da pressa, as igrejas ambrosianas foram construídas com base numa arquitetura que evidencia o uso de grandes arcos cegos e janelas protuberantes,⁷ atingindo uma altura de vinte metros acima do solo. Além das características técnicas,

⁶ *Opus spicatum* é um tipo de revestimento de tijolos alinhados na forma de uma espinha de peixe, responsável por proporcionar um intertravamento da estrutura. As pedras se organizam com uma inclinação de 45 graus, alternando a direção de inclinação em cada linha. Trata-se de uma técnica que proporciona maior estabilidade à estrutura para resistir aos abalos sísmicos.

⁷ Na antiguidade, observa-se a utilização de arcos em portas, janelas, pontes, aquedutos, como elementos de composição tridimensional de abóbadas, além de seu uso como adorno. Além disso, cabe destacar que um arco pode adotar diversas tipologias que variam conforme o número de centros e a sua localização, forma das aduelas e a decoração. Em relação ao “arco cego”, também conhecido como “arco cheio”, podemos dizer que se trata de um arco que não ladeia uma passagem ou abertura, cujo o vão é preenchido ou não com o mesmo material que é feito, geralmente surgindo como um relevo em uma parede.

as basílicas de Ambrósio também se distinguem por outras variáveis. Erigidas fora dos muros da cidade, todas elas foram instaladas em necrópoles próximas às estradas que davam acesso à cidade (Figuras 6 e 7). Além disso, como que para garantir proteção divina para aqueles que entravam e saíam de Milão, Ambrósio fez de suas basílicas “igrejas de mártires”, colocando nelas as relíquias dos mártires milaneses ou, na falta destes, relíquias trazidas de outros lugares.⁸

Figura 6 - Planta de Milão em 300 d.C.: zonas cemiteriais

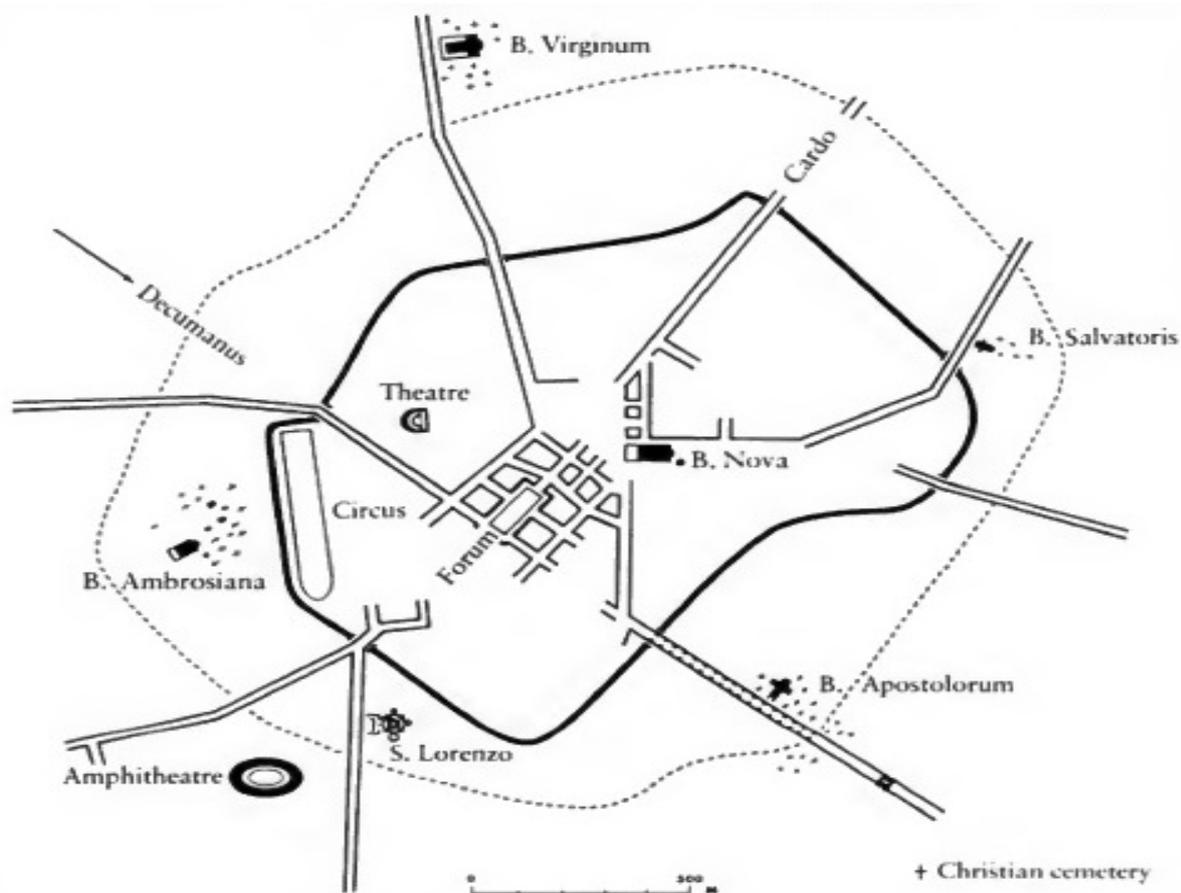


50

Fonte: Krautheimer (1983, p. 68).

⁸ Levando em consideração as peculiaridades das igrejas fundadas por Ambrósio, podemos afirmar que a Basílica de São Dionísio também detinha os atributos de um edifício ambrosiano. Apesar de sua localização topográfica, seu plano e sua dedicação original não serem claras, é possível que ela tenha sido edificada em um cemitério que data do período pré-ambrosiano, localizado no subúrbio, mais especificamente na estrada que levava a Bérgamo, onde Ambrósio supostamente teria organizado um santuário (*memoriae*) de Dionísio, bispo milanês exilado no Concílio de Milão (SIENA; NERI; GREPPI, 2015, p. 67).

Figura 7 - Planta de Milão em 400 d.C.: basílicas erguidas nas zonas cemiteriais



Fonte: Krautheimer (1983, p. 73).

Conforme argumenta Roberti (2002, p. 935), a primeira basílica a ser construída por Ambrósio foi a *Basilica Martyrium* (Figura 8). Talvez planejada em 379, a igreja foi erguida na via de Vercelli, onde existia um cemitério cristão *ad martyres*.⁹ Segundo Siena, Neri e Greppi (2015, p. 41), em início do século IV, na região do cemitério, teriam sido sepultados os primeiros mártires que Ambrósio exalta em seus hinos: Nabor, Félix e Vítor. Ao que tudo indica, os três eram soldados mauritanos cujos corpos foram trazidos da província de Lodi (que faz fronteira a Norte com a província de Milão), a pedido de Materno, sétimo bispo de Milão, que planejava enterrá-los ali.

⁹ Conforme propõe Sannazaro (2014, p. 83), o cemitério *ad Martyres* remonta uma época pré-ambrosiana, tendo sido construído provavelmente por iniciativa de Constantino. Embora não se tenha muitas informações sobre as características arquitetônicas dos edifícios cristãos que integravam a zona cemiterial, é provável que antes do episcopado de Ambrósio já existissem as *Memoriae Naboris et Felicis*, a *Basilica Faustae* e as *Memoriae* de São Vítor (atualmente acoplada à Basílica de Santo Ambrósio).

Figura 8 - *Basilica Martyrium* ou Basílica de Santo Ambrósio: reconstrução após os danos causados pela Segunda Guerra Mundial



Fonte: Acervo pessoal (2016).

52

Em 386, já com a basílica em pleno funcionamento, Ambrósio a consagrou com as relíquias de outros dois mártires: Gervásio e Protássio. Cabe destacar que a “descoberta” dos corpos dos mártires, anunciada por meio de visões, ocorreu no período mais intenso da disputa pelas basílicas entre nicenos e arianos (MAZZOLANI, 1992, p. 39). Logo, mais que um ato profético e milagroso, a “descoberta” cumpriu uma função de propaganda teológica e política, uma vez que foi útil para reforçar a superioridade da fé nicena e também a autoridade do bispo, instrumento de Deus, frente à congregação milanesa.

Contemporânea à *Basilica Martyrium* temos a *Basilica Apostolorum*, na estrada que conduzia a Roma. Segundo Krautheimer (1983, p. 80), a *Basilica Apostolorum* faz alusão à Igreja dos Santos Apóstolos, em Constantinopla. Nessa perspectiva, a semelhança entre as basílicas ocorre não apenas no plano arquitetônico transversal que, embora idêntico, representa uma variante da igreja fundada por Constantino, mas também pelo fato de ambas conservarem, em seu interior, relíquias de santos. A necessidade de evidenciar os vínculos com Constantinopla se justifica pela necessidade de confrontar a fé ariana, uma vez que Teodósio I se empenhou, na capital do Oriente, em dar combate ao arianismo.

Importante destacar que a localização da igreja atendeu a uma escolha estratégica. De acordo com Sannazaro (2011, p. 7-8), a estrada que levava a Roma era a principal via de acesso à zona urbana de Milão e, por isso, durante o governo de Valentiniano I, ela foi adornada de pórticos em um trecho que se estende por 600 metros após a entrada da muralha (Porta Romana). *A posteriori*, já sob o governo de Graciano e Valentiniano II, a *Via Porticata*, nome concedido à estrada, adquiriu um arco honorário cuja função era dupla: tornar majestosa a mais importante via de acesso à cidade, bem como celebrar o poder imperial. Assim, ao instalar uma basílica na *Via Porticata*, Ambrósio buscou evidenciar a supremacia da autoridade episcopal, simbolizada pela arquitetura cruciforme do prédio e pela *depositio* das relíquias dos apóstolos André, Tomé e João sob a autoridade imperial, representado pelo arco honorário (Figura 9).

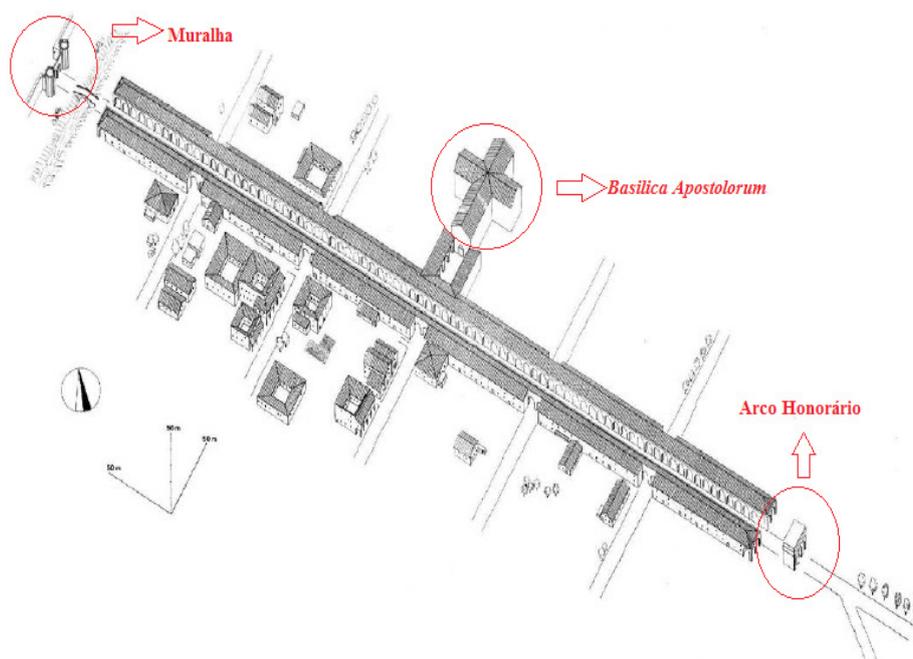
Dando prosseguimento ao seu programa edilício, Ambrósio provavelmente deu início, em 385, à construção da Basílica das Virgens (*Basilica Virginum*), cujas obras foram concluídas por Simpliciano, sucessor de Ambrósio.¹⁰ Erguida na estrada que leva de Milão a Como, a igreja dedicada a Maria e às demais virgens expressava a importância da teologia ascética no discurso ambrosiano. De acordo com Vizmanos (1949, p. 93), nem as relações que o bispo precisou manter com os imperadores nem os conflitos religiosos que atingiram a comunidade milanesa em sua época “conseguiram desviar sua atenção das virgens de Cristo ou fazê-lo esquecer a tarefa a que se impôs de ser um arauto maior na promoção da continência”. Todavia, entendemos que essa preocupação com a causa ascética, para além do seu significado teológico, também era justificada pelo interesse do bispo em reforçar sua autoridade episcopal, o que nos leva a concluir que, no discurso ambrosiano sobre o ascetismo, as implicações políticas não estavam totalmente ausentes.

A esse respeito, cumpre notar que a segunda metade do século IV é uma época em que diversas mulheres da aristocracia resolveram abraçar o celibato, tornando-se ao mesmo tempo grandes doadoras da Igreja (ALEXANDRE, 1990, p. 550). Por conta do exercício da piedade cristã, boa parte da fortuna de virgens e viúvas foi direcionada à Igreja, o que culminou no surgimento de vínculos e obrigações entre elas e o clero (BROWN, 1990, p. 269). Nesse sentido, os bispos não tardaram a se apresentar como conselheiros espirituais das devotas, e elas, por sua vez, a se colocar a serviço do clero, sustentando-o do ponto de vista financeiro ou mesmo atuando como defensoras dos

¹⁰ De acordo com Siena, Neri e Greppi (2015, p. 52-3), apesar de mencionada tardiamente pelas fontes, a possibilidade de a basílica ter sido fundada por Ambrósio e concluída pouco depois da sua morte por Simpliciano é a mais aceitável. Nesse sentido, mesmo que as fontes epigráficas evidenciem que a presença cristã, na região onde foi levantada a basílica, tenha ocorrido somente no século V, é provável que tais fontes tenham sido registradas em uma época posterior à fundação da basílica. Além disso, a atribuição da construção do edifício a Ambrósio é sustentada pela tradição medieval, visto que desde o século XIII há registros desse acontecimento, conforme nos apresenta Sannazaro (2007) e Roberti (1984, p. 132-6).

bispos em momentos de disputa, quando se reuniam na igreja para louvar o seu líder. Como observa Teja (1999, p. 228), “foram os bispos quem melhor souberam servir-se da mulher santa ou da mulher consagrada para, colocando-a a seu serviço, ressaltar seu próprio prestígio e utilizá-la como instrumento de poder”.

Figura 9 - Reconstrução da *Via Porticata*, da *Basilica Apostolorum* e



54

Fonte: Adaptado de Sannazaro (2011, p. 8).

Outro aspecto político que cerca a *Basilica Virginum* é o fato de esta ter sido dedicada à Virgem. Como vemos em seus tratados sobre a ascese feminina, Ambrósio lançou mão de alguns modelos de mulheres, dentre eles o de Maria, com o intuito de fundamentar a sua doutrina ascética. Nesse sentido, desde seu primeiro tratado moral, o *De Virginibus* (I, 31), já vemos uma propensão do bispo em difundir a imagem da Igreja como “esposa virgem” e “mãe dos cristãos”, associando-a às imagens de concepção e nascimento virginais como analogia a Maria e ao nascimento do Cristo. Posteriormente, o significado eclesial da *uirginitas in partu* e da *uirginitas post partum* de Maria, ou seja, a ideia de que ela teria se mantido virgem antes e depois do nascimento do Cristo, ficou ainda mais evidente em seus trabalhos.

No seu *De Institutione Virginis* (35), Ambrósio denuncia que “alguns” ainda negavam a virgindade perpétua de Maria.¹¹ Ao que tudo indica, este foi um tema caro

¹¹ Para Domingo Ramos-Lissón (2007, p. 15), Ambrósio estaria se referindo aqui a Bonoso e seus discípulos. Bonoso

ao bispo milanês, visto que, em finais do século IV, o estatuto da prática ascética ainda estava sob negociação no Ocidente. Daqui se inferem muitas divergências, dentre elas aquela que teria levado à condenação do monge Joviniano por Sirício, no concílio de Roma (393), e posteriormente por Ambrósio, que convocou seu próprio concílio, em Milão.¹² A princípio, Joviniano foi condenado por Sirício, pois seus ensinamentos não apenas rompiam com o protocolo ascético que vinha sendo propagado na literatura cristã ocidental da sua época, mas também minavam a ideia de que existia uma hierarquia entre as virgens consagradas e as mulheres casadas. Ou seja, na visão do monge, ambas seriam igualmente honradas, assim como todos os cristãos batizados (COELHO, 2015, p. 237). No concílio que reuniu, em Milão, Ambrósio acusou Joviniano de heresia por negar a virgindade perpétua de Maria, além de distorcer os argumentos do monge a ponto de qualificá-los como maniqueístas.¹³ De acordo com Hunter (2003, p. 459), ao acusar Joviniano de heresia, Ambrósio visava, de certo modo, a salvaguardar sua própria ortodoxia, já que ele mesmo havia sido, no passado, acusado de maniqueísmo por Joviniano.¹⁴ Ademais, censurar os ataques do monge a Maria impedia que fosse minado um dos pilares da autoridade de Ambrósio, ou seja, o papel que o bispo da época tardia exercia em torno da consagração das devotas.

Foi nessa conjuntura de construção da autoridade de Ambrósio como um importante líder da Igreja no Ocidente, construção esta que, como vimos, se apoiou também na valorização do celibato, que as obras de edificação da *Basilica Virginum* tiveram início. Com sua planta cruciforme (Figura 10), a igreja não apenas alterou a paisagem urbana de Milão, impactando a comunidade cristã com sua monumentalidade, mas também expressou, em termos geográficos, toda a importância da teologia ascética para Ambrósio.

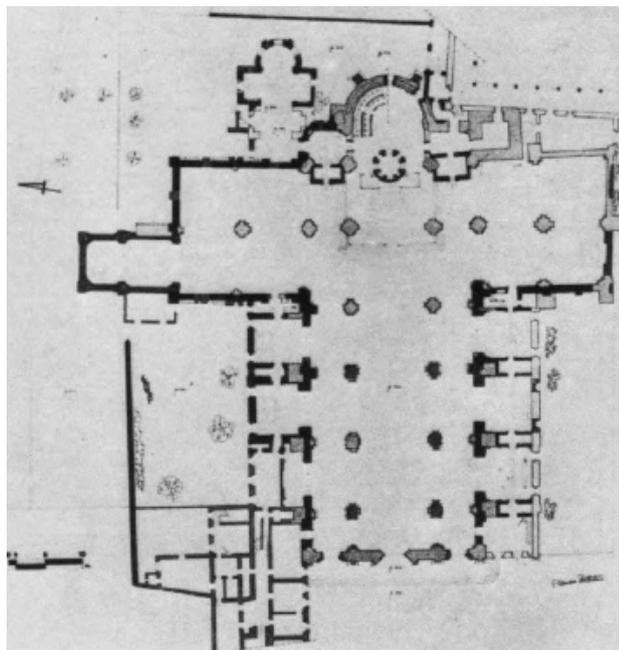
foi bispo de Sárdica, durante a segunda metade do século IV, e teria sido denunciado ao Sínodo de Cápua (392) por Ambrósio, onde foi excomungado na condição de herege por negar a virgindade perpétua de Maria (VIZMANOS, 1949, p. 95, nota 23; LIEBESCHUETZ, 2010, p. 24).

¹² Há algumas divergências quanto às datas em que ocorreram o Concílio de Roma e o Concílio de Milão. Para Hunter (2003, p. 453-6), em 390, Sirício teria enviado uma carta aos bispos italianos comunicando a condenação de Joviniano no concílio que acabara de acontecer em Roma. Ao ser informado desta decisão, Ambrósio teria convocado seu próprio concílio em Milão, onde condenou Joviniano. Já para Torres (2009, p. 58), em março de 393, Sirício reuniu em Roma um *presbyterium* que determinou que a doutrina de Joviniano, e de mais oito seguidores seus, era contrária à "lei cristã". Sabendo da condenação do monge, na primavera de 393, Ambrósio convocou um concílio em Milão para ratificar a condenação do bispo de Roma. Optamos por seguir a data proposta por Torres, visto que, o ano de 393 é, provavelmente, o ano em que Ambrósio teria redigido a *Epistula collectionem* 15, em nome dos bispos representantes da Itália do Norte, informando a Sirício o resultado do sínodo que presidiu em Milão (LIEBESCHUETZ, 2010, p. 339).

¹³ Na *Epistula Extra Collectionem* 15, carta que enviou a Sirício, Ambrósio afirma que Joviniano considerava o fato de Maria ter concebido como virgem. Apesar disso, ela não teria dado à luz como uma virgem (*non virgo generavit*).

¹⁴ Para melhor compreender a querela que envolve Joviniano indico a leitura do texto de Juana Torres (2009) e Hunter (2003).

Figura 10 - Reconstrução da planta da *Basilica Virginum* feita por Batistini (1979)



Fonte: Fiorio (1985, p. 125).

Considerações finais

Mediante ao que acabamos de expor, é possível conjecturar que Ambrósio possuía um arrojado plano de fortalecimento da sua autoridade mediante o domínio sobre o espaço de Milão. Devemos salientar, entretanto, que tal plano implicou ainda o rechaço da fé ariana e a defesa do ideal ascético, o que levou o bispo a se apropriar da *Basilica Portiana* e a edificar as basílicas *Martyrium*, *Apostolorum* e *Virginum*. Além disso, as intervenções espaciais promovidas pelo bispo não eliminaram a existência de alguns monumentos greco-romanos, de modo que os arredores da cidade, marcados pela presença de monumentos clássicos, como o hipódromo, passaram a contar também com edifícios cristãos que abrigavam as relíquias dos mártires. Quanto à zona intramuros, a expansão do complexo episcopal, sucedida pela construção do batistério de San Giovanni, ocorreu em uma região onde observa-se uma presença ainda maior de monumentos pagãos (SIENA; NERI; GREPPI, 2015, p. 69-70).

Apesar do empenho de Ambrósio, no sentido de cristianizar o espaço urbano milanês, não se pode afirmar que houve, a princípio, a erradicação dos lugares de culto greco-romanos, judaicos ou arianos. Prova disso é que o próprio Ambrósio (*Epistula extra collectionem*, 5, 3), em carta dirigida a Graciano, Valentiniano e Teodósio, nos informa da existência de uma sinagoga e de mansões arianas, nas quais eram

realizadas cerimônias eucarísticas e batismos. Sendo assim, talvez o mais correto a se pensar é que, pelo menos até em finais da época teodosiana, em Milão, os edifícios cristãos nicenos tiveram de compartilhar o espaço urbano não apenas com inúmeros edifícios de caráter público e privado, mas também com lugares ocupados por adeptos dos distintos credos, o que talvez tenha contribuído para que Ambrósio admoestasse seus fiéis (principalmente as devotas) para que não transitassem pela cidade, lugar dominado pelos litigiosos, pela fraude, pela *perfidia* e pelos ídolos (Ambrósio, *De Virginitate*, 46).

Referências

Documentação textual

AMBROSIUS MEDIOLANENSIS. **Ad sororem**. Texto latino disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0339-0397__Ambrosius__Epistula_ad_Sororem_LT.pdf.html> Acesso em: 06/03/2017.

AMBROSIO DE MILAN. **Sobre las virgenes y sobre las viudas**. Introducción, traducción y notas de Domingo Ramos-Lissón. Texto latino y español. Madrid: Ciudad Nueva, 1999.

_____. **La virgindad, la educación de la virgen y exhortación a la virgindad**. Introducción, traducción y notas de Domingo Ramos-Lissón. Texto latino y español. Madrid: Ciudad Nueva, 2007.

AMBROSE OF MILAN. Epistolae. In: **Ambrose of Milan: Political Letters and Speeches**. Translated with an introduction and notes by J. H. W. G. Liebeschuetz with the assistance of Carole Hill. Liverpool: Liverpool University Press, 2010.

_____. On The Holy Spirit: books I-II-III. In: **Ambrose: Selected Works and Letters**. Translated by Philip Schaff. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2004.

CODEx THEODOSIANUS. Disponível em: <<http://www.thelatinlibraru.com/theodosius.html>>. Acesso em: 02/01/2017.

Obras de apoio

ALEXANDRE, M. Do anúncio do Reino à Igreja: Papéis, ministérios, poderes femininos. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). **História das Mulheres: a Antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990, p. 513-59. v. 1.

- APELLÁNIZ SAINZ-TRÁPAGA, S. **Elementos de moral social en el epistolario político de San Ambrosio de Milán**. Roma: EDUSC, 2009.
- AZEVEDO, M. C. La cultura artistica di Sant' Ambrogio. In: LAZZATI, G. (Ed.). **Ambrosius episcopus**: atti del congresso internazionale di studi ambrosiani nel xvi centenario della elevazione di sant' Ambrogio alla cattedra episcopale. Milano: Vita e pensiero, 1976, p. 253-65.
- BROWN, P. Antiguidade Tardia. In: ARIES, P.; DUBY, G. (Org.). **História da vida privada**: do império romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 225-99. v. 1.
- CAPORUSSO, D.; DONATI, M. T.; MASSEROLI, S.; TIBILETTI, T. **Immagini di Mediolanum**: archeologia e storia di Milano dal V secolo a C. al V secolo. Milano: Nuova Chorós, 2014.
- CARACI, G. Milano. In: **Treccani**: Enciclopedia Italiana, 1949. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/milano_res-6913b8a2-87e6-11dc-8e9d_0016357eee51_%28Enciclopedia-Italiana%29> Acesso em: 05/03/2017.
- COELHO, F. S. Helvidius, Jovinian, and the Virginity of Mary in late fourth-century Rome. **Revista Mundo Antigo**, ano IV, v. 4, n. 7, p. 235-39, 2015.
- DAVID, M. Il paesaggio urbano di Mediolanum nell'età di Decimo Magno Ausonio: fonti letterarie i fonti archeologiche a confronto. **Rivista archeologia uomo territorio**, v. 30, p. 1-25, 2011.
- D'OSSAT, G. A. Origine e fortuna dei battisteri ambrosiani. **Arte Lombarda**, v. 14, n. 1, p. 1-20, 1969.
- FIORIO, M. T. **Le chiese di Milano**. Milano: Electa Editrice, 1985.
- HUNTER, D. G. Rereading the Jovinianist Controversy: Asceticism and Clerical Authority in Late Ancient Christianity. **Journal of Medieval and Early Modern Studies**, v. 33, n. 3, p. 453-70, 2003.
- KRAUTHEIMER, R. **Three christian capitals**: topography and politics. Berkeley: University of California Press, 1983.
- LAUGHTON, A. B. **Virginity Discourse and Ascetic Politics in the Writings of Ambrose of Milan**. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Department of Religion in Duke University, Durham, 2010.
- LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. Introduction. In: Ambrose of Milan. **Epistolae**. Liverpool: Liverpool University Press, 2010, p. 1-46.
- MAIER, H. O. Private Space as the social context of Arianism in Ambrose's Milan. **Journal of Theological Studies**, v. 45, n. 1, p. 72-93, 1994.
- MCLYNN, N. **Ambrose of Milan**: church and court in a Christian capital. Berkeley: University of California Press, 1994.
- MAZZOLANI, L. S. **Ambrogio vescovo**: chiesa e impero nel iv secolo. Milano: Longanesi, 1992.

- PAPA, H. A. **Cristianismo ortodoxo versus cristianismo heterodoxo**: uma análise político-religiosa da contenda entre Basílio de Cesareia e Eunômio de Cízico (séc. IV d.c.). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009.
- POHLMANN, J. F. **Uma identidade cristã-nicena**: Graciano e Valentiniano II sob a pena de Ambrósio, bispo de Milão (374-397 d.C.). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- RAMOS-LISSÓN, D. Introducción. In: AMBROSIO DE MILÁN. **La virgindad, la educación de la virgen y exhortación a la virgindad**. Madrid: Ciudad Nueva, 2007, p. 9-29.
- _____. Introducción. In: AMBROSIO DE MILÁN. **Sobre las vírgenes y sobre las viudas**. Madrid: Ciudad Nueva, 1999, p. 15-39.
- ROBERTI, M. M. Milão: In: **Dicionário patristico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 934-36.
- _____. **Milano romana**. Milano: Rusconi, 1984.
- SANNAZARO, M. Archeologia cristiana a Milano: gli utlimi tren'tanni. **Rivista archeologia uomo territorio**, v. 30, p. 1-10, 2011.
- _____. Lo sviluppo urbanistico di Milano in età paleocristiana. **Lanx**: Rivista della Scuola di Specializzazione in Archeologia, n. 19, p. 79-94, 2014.
- _____. San Simpliciano come complesso funerario: tipologia e testimonianze epigrafiche. **StudiaAmbrosiana**, n. 1, p. 105-28, 2007.
- SIENA, S. L.; NERI, E. La basilica Portiana e S. Vittore al Corpo: un punto di vista archeologico. In: PASSARELLA, R. (Ed.). **Ambrogio e l'arianesimo**. Milano: Biblioteca Ambrosiana, 2013, p. 147-92.
- SIENA, S.; NERI, E.; GREPPI, P. Le chiese di Ambrogio e Milano: Ambito topografico ed evoluzione costruttiva dal punto di vista archeologico. In: GIOANNI, S.; BOUCHERON, P. (Ed.). **La mémoire italienne d'Ambroise**: controverses religieuses, conflits politiques et luttres sociales. Paris: Publications de la Sorbonne, 2015, p. 31-86.
- TEJA, R. **Emperadores, obispos, monjes y mujeres**. Madrid: Trotta, 1999.
- VIZMANOS, F. B. **Las virgenes cristianas de la iglesia primitiva**. Madrid: Editorial Catolica, 1949.
- TORRES, J. La historia de un monje hereje: Joviniano y el conflicto entre matrimonio y virginidad en el siglo IV. In: MARCOS, M. (Coord.). **Herejes en la historia**. Madrid: Trotta, 2009.